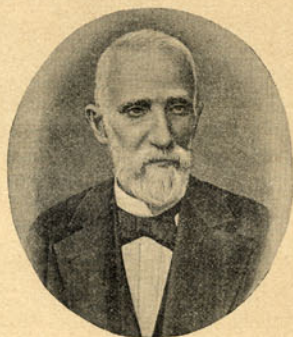
# A Semana de Lisboa

**Supplemento do Jornal do Commercio**

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 51 | Domingo 17 de dezembro | 1893

## DR. COSTA SIMÕES

D'ESTE meu querido mestre e veneravel amigo, desejava eu que o medalhão fosse traçado pelo meu antigo camarada de estudos, Eduardo d'Abreu, que foi o seu discipulo dilecto, e para quem o actual reitor da Universidade constitue um objecto de culto religioso, mais intenso até, quero crer, que aquelle que o arrojado tribuno consagra ao presente á Deusa da Republica.

Na ausencia, porém, de Eduardo d'Abreu, supponho que nem elle, nem o nosso commum lente de anatomia e physiologia geral, levarão a mal que seja eu quem subscreva este pequeno tributo de admiração e de respeito pela sympathica e prestigiosa figura, que é uma das mais puras glorias do nosso mundo scientifico. Tambem eu devo ao illustre professor palavras taes, destinadas a explicar-me porque não havia no anno obtido premio, que as tive na minha gratidão por superiores ás maiores distincções academicas; e, á sua parte, o meu homonymo e amigo Abreu, sabe que se partilho pouco as suas crenças politicas, ao contrario inteiramente me associo á sua veneração pelo nosso querido mestre.

Convem, porém, observar, para que o leitor não imagine que somos só nós dois, Eduardo d'Abreu e eu, a venerarmos o Dr. Costa Simões, n'um como que monopolio ou syndicato sentimental, que, ao contrario, não sei de ninguem que conheça o illustre ancião que o não venere egualmente. Nomeadamente todos os que no decurso de 30 annos se sentaram diante d'elle para ouvir a sua lição, tão profunda e conscienciosa, fundaram a sua tradicção de sympathia e de respeito na *academia*, como se diz em Coimbra, e que de tal modo se consolidou, que, jubilado já e ausente da Universidade ha muito na obscuridade de uma pequena villa, n'um momento de crise foi o seu nome que occorreu para vir trazer a ordem e a paz á administração superior da gloriosa fundação de D. Diniz.

Quem o nomeiou foi o sr. José Dias Ferreira, e se dizendo tanto bem e tanto mal, como successivamente disse d'este enygmatico varão, pude em ambos os casos incorrer em lamentavel excesso, devo exprimir o desejo de que essa sua escolha lhe seja contada um dia na expiação dos seus peccados.

Não tenho que fazer aqui a biographia particular e scientifica do Dr. Costa Simões, porque, alem de extensa e impropria d'este semanario, está já admiravelmente feita por Eduardo d'Abreu no *Liber Memorialis*, que é uma das mais bellas consagrações do insigne mestre e sabio portuguez. O *Liber Memorialis* é o relatorio da festa celebrada em 1883 na grandiosa e historica *Sala dos Capellos*, em homenagem a Costa Simões, por occasião da sua jubilação. Mestres e alumnos se associaram a essa demonstração sem precedentes, fallando em nome dos estudantes Eduardo d'Abreu, e em nome dos professores o mallogrado Antonio Maria de Senna, um dos devotos tambem de Costa Simões.

A esse nobre e sympathico documento universitario remettemos o leitor desejoso de travar mais amplo conhecimento com o Dr. Costa Simões e com as suas obras, que representam um numero consideravel de volumes, e alguns grossissimos, sobre os mais variados

assumptos da medicina, taes como anatomia, physiologia, teratologia, questões clinicas e hygienicas, organisação hospitalar, etc.

N'este logar deixo apenas accentuado alguns traços da sua physionomia.

* * *

O Dr. Costa Simões tem hoje setenta e tantos annos e a sua cabeça branca, a sua alva barba e o seu aspecto debil, não permittem suppor mesmo idade inferior. No entanto, observarei que ha cerca de 18 annos, quando pela primeira vez o vi, já assim era exactamente.

Visitando ha mezes no Paço da Universidade o seu digno Reitor, que ha muito não abraçava, disse-me elle:

— Acha-me muito velho, não acha?

Pois a verdade é que o achei, como sempre o achara, e como posso suppôr que sempre fôra, pois, de natureza debil e tendo encanecido precocemente, quando vim para a Universidade, já de ha muito Costa Simões era conhecido na bocca dos seus amantissimos discipulos, pelo *velhinho*, nome que se pronunciava com respeito e ternura.

Mas ao vêl-o, quem poude nunca suppôr a força, energia e resistencia que se abriga n'aquelle franzino arcabouço, sob aquella mascara de quietude e de doçura, como de um santo, que é, e na expressão da sua falla e dos seus modos, quasi timidos?!

Pois não sei de ninguem com mais individualidade, com mais iniciativa, com mais querer, com mais obstinação em tudo que emprehenda do que esse homem, que é, aliás, a mais genuina incarnação da modestia que se póde imaginar. Sem levantar a voz, sem tomar attitudes combattentes, mansamente, pela só virtude da perseverança, tudo venceu, desde as primitivas luctas em que pretenderam embargar-lhe a entrada na Universidade, até ás que teve de sustentar com os seus collegas para levantar o ensino da faculdade de medicina, e introduzir n'elle, com o ensino especial da histologia e da physiologia geral — que ainda então não existia em França, e ainda hoje não existe nas outras escolas do reino — a pratica experimental das sciencias biologicas e em especial do microscopio.

Dizia Fontes, que mais teimoso do que o sêr da creação, que passa por ter a especialidade d'essa virtude ou vicio — conforme os casos — era Martens Ferrão, mas que, mais teimoso ainda do que Martens Ferrão, era elle Fontes.

Pois estou em crêr que ao lado da convicta e sempre justa teimosia de Costa Simões, a de Fontes não passaria de obra de simples brincadeira!

Uma outra feição caracteristica da psychologia do abalisado professor da Universidade é o seu absoluto escrupulo scientifico. Em sciencia para elle não ha opiniões — só é o que está evidentemente demonstrado, sem possibilidade de contestação. Assim me recordo que nas suas licções, quando se tratava, por exemplo, da genese dos tecidos, e nos expunha as theorias de Schwann, Robin e Virchow, tão oppostas — a doutrina das blastemas e a da proliferação — acabava sempre por encolher os hombros, e aventava com o seu doce sorriso que em todas essas theorias haveria verdade nos factos em que se appoiavam, mas que o excesso estaria na generalisação exclusivista das inducções. O mesmo a respeito da constituição do tecido muscular, que ora se decompunha em fibrilhas ora em discos, conforme, se bem me recorda, se actuava com o acido acetico ou com o bi-chromato de potassa.

E tambem me recordo, meu querido mestre, da questão da *cellula ossea!* Robin a dizer que ella tinha membrana propria e Vulpian ou outro qualquer — a dizer o contrario, ou vice-versa. E aqui o caso era mais complicado, porque sobre a mesma preparação um via e outro não via a dita membrana. E tudo isto nos era exposto, com o maior escrupulo, e sujeito á nossa apreciação directa nas licções praticas.

Costa Simões é um dos maiores amigos e benemeritos da Universidade e um dos que mais fez pelo desenvolvimento da faculdade de medicina, e tambem do Hospital da Universidade, de que foi durante muito tempo administrador. São conhecidas as rivalidades das escolas de Coimbra, Lisboa e Porto, e que tantas vezes se accenderam em vivas contendas.

Pois bem, a despeito de tudo isto, diante de Costa Simões, os de Lisboa e Porto abatem reverentemente as armas e saudam neutralmente o sabio, que acima de professor da Universidade, se deve considerar uma gloria da nação. Nos repositorios scientificos abundam, de todas as origens, as demonstrações da veneração pelo eminente professor, como eloquente testemunho do seu alto valor. Isto é que é insuspeito!

* * *

Não quero pôr a maior prova o recato em que tão nobremente se compraz o meu venerando mestre, a quem ainda hoje estou devendo demonstrações de amizade e de benevola consideração, tanto mais de apreciar, que se elle é incapaz de melindrar quem quer que seja, é tambem excessivamente parcimonioso em demonstrações effusivas.

Ha poucos dias ainda me escreveu elle, a recordar-me, que me espera na Universidade o capello, que já em Julho me expressára desejos que fosse conferido por elle proprio.

Irei, mestre, e da vossa mão patriarchal, essa investidura gloriosa, enternecido a receberei como uma benção scientifica!

EDUARDO BURNAY.

## CHRONICA ELEGANTE

Um dos mais abastados proprietarios do Ribatejo e distincto *sportman*, o sr. João de Sousa Falcão, reuniu ha dias em sua casa, na Alpiarça, as familias das suas relações mais intimas, para assistirem a uma corrida ás lebres.

Como no dia projectado o tempo não permittisse que se realisasse a corrida, foi servido um explendido banquete de sessenta talheres em um dos vastos salões do palacio, seguindo-se uma animada *soirée* dançante, que se prolongou até ás 5 horas da madrugada. Os convidados do amavel amphytrião admiraram a preciosa collecção de objectos de arte que ali se reunem e a decoração sumptuosa da sala, cujo tecto é pintado por Villaça, um dos nossos artistas de mais fino e delicado gosto.

No dia seguinte, depois do almoço, no largo pateo que precede o palacio, quatro elegantes *breacks*, tirados por soberbos cavallos, esperavam as senhoras que iam para a caçada. As carruagens seguiram para o campo, ladeadas de quatorze cavalleiros, e dos criados da casa que levavam a trella de galgos para a corrida. Era de um lindo e pittoresco effeito aquella partida para a caça, pela larga estrada de Almeirim, até á Goucha, onde as lebres deviam ser corridas. Mas, infelizmente, ainda d'essa vez o dia, que amanhecera formosissimo, evitou que se se levasse a cabo a caçada. O ceu toldou-se repentinamente de nuvens, e a chuva surprehendeu a alegre e animada comitiva, que foi forçada a retroceder para Alpiarça.

* * *

N'estas lindas manhãs de inverno, a Tapada da Ajuda, que é um dos sitios mais aprazíveis da cidade, tem servido para *rendez-vous*, aos sabbados, das familias mais distinctas da nossa primeira sociedade.

Um grupo de meninas, acompanhadas das suas respectivas mamãs, ali se tem reunido, passeiando á sombra das arvores e conversando alegremente sobre os ultimos figurinos, as ultimas *toilettes*, as ultimas festas, as discretas e innocentes aventuras amorosas, os mil nadas, emfim, que constituem o assumpto das encantadoras conversas feminis.

Á entrada da Tapada, as carruagens elegantes, com os cocheiros e trintanarios vestidos com as mais correctas librés, e ostentando nas *cocardes* as côres mais distinctas da heraldica portugueza e as côres das diversas nações estrangeiras, esperam o regresso das respectivas damas.

Em um dos ultimos sabbados, alem das senhoras que passeiavam a pé, appareceu um grupo de airosas amazonas, percorrendo a trote as ruas da Tapada, com a gentileza e o garbo dignos do esquadrão feminino do reino de Dahomé.

A nossa discripção não nos permitte dar hoje o nome das elegantes que estiveram no ultimo sabbado, e que representam o das familias mais illustres da aristocracia e do corpo diplomatico.

Consta-nos que n'aquellas alegres e deliciosas reuniões se tem projectado as festas mais brilhantes que se hão-de realisar nos principaes salões de Lisboa.

* * *

A chronica elegante tem hoje que registar nas suas columnas o fallecimento de uma das senhoras mais distinctas e mais respeitaveis da nossa primeira sociedade. Falleceu ha dias a sr.ª Condessa de S. Miguel, D. Marianna de Noronha, filha dos Condes dos Arcos e esposa do Conde de S. Miguel, Sebastião Brandão.

A' nobresa do seu nascimento, que era dos mais illustres da aristocracia portugueza, reunia a sr.ª Condessa de S. Miguel todas as virtudes de um coração extremoso e a fidalga distincção de maneiras de uma verdadeira *grande dame*.

Acompanhando sempre seu marido, durante a carreira diplomatica, a illustre finada teve occasião de ser apreciada nos paços reaes e nos salões aristocraticos das principaes capitaes da Europa. Em Roma, em Bruxellas, na Haya, em S. Petersburgo e em Madrid, a sr.ª Condessa de S. Miguel soube conquistar sempre, pela distincção da sua intelligencia e pelos primores do seu trato, as mais valiosas sympathias, contribuindo assim para o prestigio da nação, que seu marido dignamente representava. Foi, durante algum tempo, dama de Sua Magestade a Rainha; e a excelsa Princeza, que n'ella encontrou a mais acrysolada e respeitosa dedicação, foi sem duvida uma das pessoas que com mais profunda magua sentiu a prematura morte da Condessa de S. Miguel.

As principaes familias da antiga nobresa cobriram-se de lucto rigoroso pelo fallecimento da illustre senhora.

GRAZIEL.

## DR. AGOSTINHO VICENTE LOURENÇO

Publicamos em seguida um trecho do notavel discurso, pronunciado na sessão solemne da Academia Real das Sciencias, pelo sr. dr. Eduardo Burnay.

Este illustre academico foi substituir o dr. Agostinho Vicente Lourenço, um dos chimicos mais abalisados do paiz e dos mais conhecidos no estrangeiro.

No discurso do dr. Eduardo Burnay reune-se uma vasta erudição scientifica a uma elegante fórma litteraria. Por isso elle será egualmente apreciado pelos homens de sciencia e pelos mais primorosos cultores das lettras patrias:

Portugal não foi, desde os tempos mais remotos, propriamente paiz de chimicos.

Tivemos grandes jurisconsultos, desde Antonio de Gouveia até Paschoal José de Mello, e Coelho da Rocha, para não fallarmos nos tempos modernos; humanistas incomparaveis, como a dynastia dos Gouveias — André, Diogo e Marçal, Rezende e Damião de Goes; eminentes mathematicos: D. Francisco de Mello, o grande geometra Pedro Nunes, Bento de Moura Portugal, a entroncarem na geração dos illustres emulos Monteiro da Rocha e o grande José Anastacio da Cunha; celebrados medicos, contados

desde o conego regrante de Santa Cruz, Mendo Dias, na serie de Valesco, Amado Lusitano, Garcia da Horta, Henrique Jorge Henriques, Zacuto, Chamisso, Antonio da Cruz, Morato Roma, Rodrigo de Castro e Ribeiro Sanches, até ao illustre Bernardino Antonio Gomes; e insignes naturalistas, como, além de alguns dos medicos citados, Alexandre Rodrigues Ferreira, o abbade Correia da Serra, José Bonifacio, João Antonio Monteiro, e acima de todos Felix de Avellar Brotero, cuja estatua a Universidade consagrou no Horto Botanico de Coimbra, sobranceira á admiravel magnolia, que ainda ali se admira, plantada ha cerca de um seculo pelo proprio que foi cognominado — o *Linnêo lusitano.*

Na materia de physica e chimica, porém, nada que, até ao fim do seculo XVIII, se approxime de taes culminancias.

De resto, o facto está assignalado pelo douto sr. Simões de Carvalho na Memoria Historica com que a Faculdade de Philosophia celebrou o Centenario da reforma da nossa preclara Universidade pelo Marquez de Pombal. As sciencias physicas foram as que entre nós em mais atrazo se conservaram. Em 1737 Jacob de Castro Sarmento, o auctor da *Theorica das Marés*, observava que a philosophia experimental de Newton tinha penetrado sem resistencia por toda a Europa, menos em Hespanha e Portugal, e em 1746 Verney ridicularisava os methodos de ensino de physica em Portugal «onde se explicavam todos os effeitos da natureza pelas palavras sacramentaes de *materia*, *fórma* e *privação* e se preferia admittir o *horror do vacuo* ao *pezo do ar*, conhecido ha mais de um seculo na Italia.»

No entretanto, no dominio da physica póde citar-se, no seculo XVI Alvaro Thomaz, que estudou em Paris, ahi regeu um collegio importante, publicando em 1509 um livro sobre varios pontos d'essa sciencia; Pedro Margalho, que professou na Universidade de Salamanca e ahi editou em 1520 um compendio de physica; o celebrado medico e hellenista Antonio Luiz, precursor de Newton na concepção da lei da attracção universal.

Mas na chimica?

Na chimica nada, ou quasi nada, nem mesmo sob fórma de alchimica!

É a que attribuir tão assignalada lacuna?

Á precoce destruição do dominio e da civilisação arabe?

Á perseguição dos judeos? Mais tarde á influencia jesuitica ou á do Santo Officio?

O facto é que de chimica se não encontra uma palavra, a não ser no que d'ella se confunde com a arte pharmaceutica, durante muito tempo. A dar credito aos auctores, o primeiro portuguez que notoriamente lhe haveria consagrado attenção scientifica teria sido, já no seculo XVII, o principe D. Theodosio, esse grave mancebo, primogenito d'El-Rei D. João IV, esperança risonha da dynastia brigantina, e que a morte tão cedo frustrou. De feito, parece que tão auspicioso principe cultivara o estudo da chimica com o seu preceptor, o Padre João Pacheco Sciermano.

Mas isto é apenas uma curiosidade historica bastante vaga, pois que é só a partir da reforma da Universidade pelo Marquez de Pombal, em 1772, e da creação da Faculdade de Philosophia, berço do naturalismo portuguez e primeira pedra do edificio do nosso ensino experimental, que apparece um laboratorio, uma cadeira de chimica, escriptos e trabalhos de chimica e chimicos.

Grande obra a obra politica e administrativa de Pombal! Mas distinga-se n'ella, acima de tudo, o alto ponto de vista do levantamento do nivel da instrucção nacional!

Os Estatutos com que o grande estadista dotou a Universidade são ainda hoje um modelo, e é por via d'elles que essa admiravel instituição, a que me honro sempre de prestar respeitosa homenagem, poude acompanhar com segurança todos os progressos d'este seculo verdadeiramente scientifico.

Mas o Conde de Oeiras, ao contrario do que usam os modernos reformadores, sentiu bem que não bastava decretar o levantamento do ensino superior, consagrando em tres admiraveis volumes de legislação as sabias indicações que acceitara do douto Antonio Nunes Ribeiro Sanches, que em França e na Russia, no convivio dos seus funda-

---

FOLHETIM

## A ABOBADA

### III

Traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons que ao recemnascido vinham de longes terras offertar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiara até Jerusalem e como d'esta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem e, com grande folgança, encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que, em verdade, era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou junto do presepe, e, com voz muito entoada e depondo ante o menino seus presentes, disse :

Sancto filho de David,
  Divinal
Salvador da triste raça
  Humanal,
Que descestes lá do assento
  Celestial;
Vós da gloria imperador
  Eternal,
Acceitae este offertorio
  Não real,
Pobre si. É quanto posso :
  Não hei al.
O que fôra compridoiro
  De auto tal
Bem o sei. Andei más vias,
  Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
  De arrayal
Nas soidões fundas d'Arabia,
  Mui fatal.
Meus camellos ha tisnado
  Sol mortal;
E um, de vento do deserto,
  Vendaval.
O presente que ahi vêdes
  Pouco val'
É sómente algum incenso
  Oriental;
Que o thesouro que eu trazia,
  Mui cabal,
Soterrou-mo a tempestade
  No areal.

E com isto, o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oração

dores, se impregnara do largo espirito da Encyclopedia. Era necessario empregar os meios, e empregou-os, dotando a Universidade com admiraveis incrementos materiaes, e chamando a Portugal notabilidades scientificas estrangeiras, que aqui podessem vir trazer a semente da regeneração de uma mentalidade, viva e penetrante de sua essencia, mas bastante desequilibrada pelo attricto da escolastica jesuitica, e do terrorismo inquisitorial.

Assim foram contractados para inaugurarem o ensino da Faculdade de Philosophia — successora da, como lhe chamam os proprios Estatutos, «miseravel» Faculdade de Artes — Domingos Vandelli, professor da Universidade de Padua, e João Antonio Dalla-Bella, discipulo do celebrado Marquez de Poleni.

A Faculdade de Philosophia foi creada com quatro cadeiras — philosophia racional e moral (pouco depois supprimida em troca da de botanica), historia natural, physica experimental, e chimica theorica e pratica. Ao erudito Antonio Soares Barbosa foi confiada a primeira, a terceira a Dalla-Bella e a segunda e a quarta a Vandelli.

Vandelli foi assim tambem o organisador do laboratorio da Universidade, o primeiro que existiu em Portugal, e cujo plano foi trazido de Vienna d'Austria pelo Dr. José Francisco Leal.

Fecunda a sua influencia: o laboratorio tornou-se sede de grande actividade pratica e creou discipulos. Assim na *Gazeta de Lisboa* se encontra, como, em 25 de junho de 1784, do laboratorio da Universidade foi lançada uma *machina* aerostatica, de 30 palmos de diametro, por 45 de altura, para repetição da descoberta dos Montgolfiers — descoberta em segunda mão, aliás, pois que a prioridade é de Bartholomeu Lourenço de Gusmão em 1709. A exhibição era preparada por Vandelli e pelos alumnos de chimica, Thomaz José de Miranda Almeida, José Alvares Maciel, Salvador Caetano de Carvalho, Vicente Coelho de Seabra. A experiencia, evidentemente, não era de chimica, mas a esse tempo não eram raras essas invasões dos chimicos no dominio da physica, e vice-versa.

O grande discipulo, porém, de Vandelli foi o Doutor Thomé Rodrigues Sobral, seu successor na cadeira de chimica da Universidade, que póde ser considerado o patriarcha dos chimicos lusitanos, que aos seus contemporaneos extrangeiros mereceu a denominação de *Chaptal portuguez*, e a quem não faltou, para mais avultar o seu nome, a aureola de patriota e a consagração do matyriologio profissional.

Foi assim, que, por occasião da invasão franceza, tendo elle com o mais notavel ardor transformado o laboratorio chimico em arsenal de guerra para fabricação da polvora, que escaceava, os francezes ao entrarem em Coimbra, sob o commando de Massena, informados dos seus altos feitos, logo inquiriram da morada do *«mestre da polvora»*. E horas depois, estava reduzida a cinzas a sua casa da quinta da Cheira, na Arregaça, n'um vingativo incendio que lhe destruiu a sua rica bibliotheca, fructo de 30 annos de trabalho, e os preciosos manuscriptos seus, entre os quaes a sua obra fundamental de chimica geral.

A casa foi mandada reconstruir pelo Estado em 1816. Não sei se ainda existe, mas o que ainda não ha muito existia no laboratorio da Universidade, ao tempo em que o frequentei, eram os vestigios das caldeiras em que era refinado o nitro. E tambem lá subsiste a cisterna, onde Thomé Rodrigues Sobral foi, com risco de vida, quando todos fugiam espavoridos, buscar, elle só, um balde de agua para atalhar um principio de incendio, que se declarara junto aos barris da polvora.

Saudemos de passagem, Senhores, este benemerito, e podemos tambem saudar os discipulos que elle formou: José Bonifacio de Andrade, Manoel José Barjona, Vicente Coelho Seabra Telles, João Antonio Monteiro!

---

em voz baixa, ergueu-se, e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio
A adorar-vos, alto infante,
Redemptor:
Não me pôs na alma desmaio
Ser de terra tão distante
Rei, senhor!
É bem torva a minha face:
Minhas mãos tingidas são
De negrura;
Mas na terra onde o sol nace
Mais se cobre o coração
De tristura;
Porque o torpe Mafamede
Sua crença mui sandía
Mandou lá,
E não ha quem d'ella arrede
Essa gente, que aperfia
Em ser má.
Real tronco de Jessé,
Mui fermoso, se eu podera,
Vos levara,
E, comvosco, á vossa fé
Os incréus eu convertera,
E os salvara.
Ora quero vêr se peito
São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começara no momento em que o rei preto ajoelhou e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, afamado jogral d'aquelle tempo), cresceu n'este momento a tal ponto, que o corista que fazia o papel de Belchior não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a corôa de louros que n'este auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio d'elle sahiam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. El-rei tinha-se erguido, e juntamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ella. Emfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça cabellos desgrenhados, boca torcida e coberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro d'aquelle recinto, ficou immovel, com os braços estendidos para o tecto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os hombros, como quem, cheio de horror, via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

«Mestre Ouguet!» — exclamou el-rei espantado.

«Mestre Ouguet!» — gritou Frei Lourenço, com todos os signaes de assombro.

«Mestre Ouguet!» — repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

«Quem fala aqui no meu nome? — rosnou David Ouguet, com voz comprimida e sepulchral — Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojar sobre mim esse montão de pedras, como se eu fôra um

## Anniversarios da semana

**Domingo 17** — As sr.as: D. Eugenia Lobo da Silveira Guedes Pacheco (Alvito), D. Laurinda Maria Vellado Alves da Fonseca (Freixo), D. Maria da Purificação de Almeida Portocarrero da Silva Barbara, D. Leopoldina Geraldo Villar Pinto d'Almeida, D. Carlota de Moura Coutinho, D. Magdalena de Freitas Queriol.

E os srs.: Conde de Paço d'Arcos, Dr. Cunha Belem, Ignacio da Fonseca Benevides.

**Segunda-feira 18** — As sr.as: D. Anna da Conceição Mendonça de Almeida, D. Maria do Rosario de Carvalho Pinto Coelho (Chancelleiros), D. Maria José Tavares Schiapa, D. Maria da Gloria Côrte Real Alves, D. Beatriz Amelia Paes de Vasconcellos.

E os srs.: Francisco Xavier Oriol Pena (Andaluz), Manuel de Sousa Sampaio (Bobeda), Christovam Franco de Mello, João Maximo Paes.

**Terça-feira 19** — As sr.as: D. Maria Severino Machado (Benegazil), D. Maria do Carmo Machado Lima (Benegazil), D. Leonor Maria Moraes Sarmento (Torre de Moncorvo), D. Maria do Resgate Anjos, D. Maria Izabel Pereira Coutinho, D. Maria Victoria d'Almeida Garrett, D. Guilhermina de Sousa da Cunha Pina Manique, D. Maria Helena de Portugal de Faria, D. Ida d'Almeida Pessanha e Vasconcellos, D. Innocencia Rita Fiuza Guião Bogalho, D. Maria Gertrudes da Camara Pereira.

E os srs.: Francisco da Silveira Vianna, Luiz Fausto Guedes Dias, Antonio Manuel da Cunha e Silva, Alfredo Luiz Felner.

**Quarta-feira 20** — As sr.as: Viscondessa d'Aguieira, D. Marianna Adelaide da Silva Matta Ribas (Abrigada), D. Maria Isabel da Silva e Brito, D. Elvina Augusta Figueiredo Ferreira, D. Maria Bernardina de Gama Lobo Salema.

E os srs.: Manuel de Carvalho Lorena, Julio de Athouguia Iiobre, Ricardo de Meirelles.

**Quinta-feira 21** — As sr.as: Viscondessa de Degracias, D. Carlota da Cnnha Menezes, D. Henriqueta Maria Pires da Silveira Macedo, D. Emilia Leite da Gama Alvares Cabral, D. Joaquina Leite da Gama de Faria e Maia, D. Henriqueta José Ribeiro d'Almeida Teixeira.

E os srs.: Dr. Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel, Eduardo Corrêa d'Araujo (Barcellinhos), Domingos Joaquim de Mendonça da Silva (Abrigada), Duarte Egydio Vieira de Mendonça.

**Sexta-feira 22** — As sr.as: Viscondessa da Carreira, D. Lavinia Franco Ivens, D. Maria Beatriz de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, D. Maria Nicolina Moreira de Sousa Amado.

E os srs.: Visconde de Taveiro (José), Visconde de Villa Nova de Ourem, Conselheiro Francisco Maria da Cunha, Conselheiro Joaquim Peito de Carvalho, Conselheiro Francisco Simões Margiochi, D. Rodrigo d'Almeida e Silva, João Bernardo Berquó.

**Sabbado 23** — As sr.as: Condessa de Samodães, D. Julia da Conceição Alves Crespo, D. Adelaide Calheiros, D. Maria de Serpa Leitão Pimentel, D. Maria de Jesus Gorjão, D. Virginia Honorata Paes Moreira.

E os srs.: Barão de Bertelinho, Eduardo d'Ornellas (Calçada), Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Commendador Diogo Maria de Freitas Brito, Francisco José Guedes Vilhegas Quinhones da Silveira de Mattos Cabral, Miguel Maria de Sousa Horta e Vasconcellos (Santa Comba-Dão).

## THEATROS E CIRCOS

### D. Maria

Na sexta-feira subiu pela primeira vez á scena, para estreia de Lucinda Simões, a comedia de E. Augier — *O casamento de Olympia* — traduzida pelos srs. D. João da Camara e Gervasio Lobato.

Foi no theatro de D. Maria uma verdadeira noite de festa.

A presença de Lucinda Simões no palco do nosso primeiro theatro de declamação era esperada com anciedade por todos quantos a admiraram e applaudiram no *Demi-monde*, de A. Dumas, nas raras vezes em que ella, ausentando-se do Brazil, vinha representar entre nós, em companhia de Furtado Coelho.

---

cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!» — E depois de breve silencio, em que pareceu tomar folego — «Não vos chegueis ahi! — bradou elle. — Não vêdes essas fendas, profundas como o caminho do inferno? São escuras: mas, através d'ellas, lá enxergo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cégos... porque o vosso bom nome não se escoa por lá!.. Cégos?... Não vós!... mas elle! Elle é que se ri e folga em sua orgulhosa soberba! Vêde como escancara aquella boca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cobertas de vermelhidão, aquelles olhos embaciados!... Maldito velho, foge diante de mim!... Maldito, maldito!... Curvada já no centro... senti-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima d'ella? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Não ha um raio que te confunda?... Não!»

Dizendo isto, mestre Onguet cobriu a cara com as mãos e ficou outra vez immovel.

El-rei, os cavalleiros, os padres mais dignos que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto, que assim interrompera a solemnidade do auto. Silencio profundo succedera ao ruido que a apparição d'aquelle homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos n'esse vulto, que semelhava uma larva de condemnado sahida das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cerebro passou este pensamento; em mais de uma cabeça os cabellos se eriçaram de horror; mas, dos que conheciam mestre Ouguet, nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma supposição havia que não era inteiramente desarrazoada: David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado; peccado que, talvez, tivesse omittido na ultima confissão, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel e, até, natural; que não vivia elle a mais justificada vida. Suppôr que endoudecera parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'el-rei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encommendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas, segundo as idéas d'aquella epocha, bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Frei Joanne, que tinha vindo assistir ao auto e estava em pé atraz do estrado, perto de Frei Lourenço Lampreia. Revolvendo taes pensamentos, no meio d'aquelle silencio ancioso em que todos estavam, não póde ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior e lh'os communicasse em voz baixa, ao ouvido.

«Não vou fóra d'isso — respondeu o prior, que, emquanto o outro frade lhe falara, estivera dando á cabeça, em signal de approvação. — O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o falar não sei de que feiticeiro, tudo me induz a crer que o demonio se chantou n'aquelle miseravel corpo, como vós aventaes. Se assim é, pouco juizo mostrou d'esta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, e eu vol-o darei bem castigado.

Alexandre Herculano.

*(Conclue)*

No *Casamento de Olympia* encontrou Lucinda Simões o papel de protagonista que mais se presta para revellar todas as suas qualidades d'actriz. N'aquelle genero está perfeitamente. E se nem sempre o seu temperamento artistico condiz com o papel de ingenua ou de dama dramatica, em cujas respectivas interpretações ainda até hoje Rosa Damasceno e Virginia não encontraram rivaes, é certo que no papel de *Olympia* ninguem excede Lucinda. A elegancia e gentileza da sua figura, o timbre da sua voz, a expressão da physionomia, a propriedade dos gestos e a intenção dramatica, tudo n'ella se reune ao seu notavel talento e cuidada illustração, contribuindo para o relevo e brilho que ella consegue imprimir em trabalhos d'este genero. Não especialisamos o desempenho de uma ou outra scena da comedia, porque em todas ellas Lucinda representou bem, mostrando um conhecimento exacto do caracter da personagem.

Apesar, porém, de ser a estreia de Lucinda Simões o que mais attrahiu a affluencia de espectadores, é certo que os outros artistas que entraram no desempenho da peça conquistaram, desde as primeiras scenas, eguaes attenções e os mesmos calorosos applausos.

Augusto Rosa fez irreprehensivelmente o papel de *Montbrichard.* Nada tem que invejar aos principaes actores do theatro francez quando, como no *Casamento de Olympia,* se desempenha tão correcta, tão distincta e tão primorosamente. Não se representa, nem se póde representar melhor.

João Rosa foi, como sempre, o actor consciencioso, que o nosso publico tanto admira. O papel de marquez, cuja interpretação requer qualidades excepcionaes de talento e uma fina e grave compostura, não podia encontrar quem melhor o desempenhasse, mantendo sempre aquella linha fidalga e grave, que caracterisa a personagem.

Ferreira da Silva, no papel comico de *Adolpho,* foi perfeitissimo. Desde a caracterisação, denunciando immediatamente a figura do *cabotin,* até ás menores particularidades do desempenho, revellou mais uma vez os recursos do seu talento, e conquistou sempre os mais justos e enthusiasticos applausos.

Augusto de Mello comprehendeu muito bem o seu papel. O dialogo do primeiro acto com Augusto Rosa foi dito com uma intensão artistica notavel, e mereceu-lhe sinceros elogios.

Florinda, Maria Falcão e Christiano de Sousa contribuiram para o exito que teve o desempenho geral da comedia.

A peça é posta em scena com todos os requintes que a arte e o luxo impõem em theatros de primeira ordem.

*

## S. Carlos

É effectivamente no proximo sabbado que, com a representação da opera de Wagner — *Tanhauser,* se inaugura a nova epocha lyrica no theatro de S. Carlos.

Freitas Brito, o intelligente e activo emprezario, que a epocha passada viu com tanto exito coroados os seus trabalhos e esforços colherá sem duvida os mesmos lisongeiros resultados.

A orchestra foi enriquecida com o concurso de alguns professores hespanhoes.

A anciedade com que o publico espera a abertura de S. Carlos é uma demonstração do interesse com que ali concorrerá, durante a epocha lyrica.

*

## Gymnasio

*O marido de França* e *Anastacia & C.ª* teem-se repetido n'este theatro, e continuarão em scena até á primeira representação do *Filho da Carolina,* comedia original de Eduardo Schwalbach, que está annunciada para breve.

Dão-nos as melhores informações d'este novo trabalho de Schwalbach, o qual virá, sem duvida, confirmar a justa reputação de que gosa o seu nome, como auctor dramatico.

*

## Theatro Avenida

*A mulher do pastelleiro,* traducção de *Madame Boniface,* que no sabbado subiu pela primeira vez á scena no palco da Avenida, foi acolhida com manifestações de agrado pelo publico que enchia os camarotes e plateia.

Todos os artistas se desempenharam bem dos seus respectivos papeis, sobresahindo, porém, Cinira Polonio, que cantou com muita graça e representou com talento.

*

## Rua dos Condes

Deve subir á scena no proximo sabbado, n'este elegante theatro a revista do anno de 1893, original do nosso collega Baptista Machado (Dó-ré-mi), intitulada *O Sarilho.*

O nome de Baptista Machado, já de ha muito conhecido e festejado nos nossos theatros, é a maior recommendação para que o theatro da Rua dos Condes conte as enchentes pelo numero das recitas.

*

## Colyseu dos Recreios

A companhia de operetta franceza tem attrahido ao Colyseu dos Recreios continuas enchentes, principalmente nas noites em que representa uma peça nova.

A *Mascotte, Les cloches de Corneville* e *La fille de Madame Angot* foram muito bem cantadas.

Madame Reine, que é uma artista muito distincta, e que pela correcção e graça com que canta nos recorda a famosa Milli Mayer, conquistou já as sympathias do publico, que todas as noites a ouve e aprecia com enthusiasmo.

É ella a figura principal da companhia. Graciosa, elegante, vestindo muito bem e conhecendo os segredos da arte, não é de extranhar que todas as noites o seu trabalho seja assignalado com repetidas salvas de palmas.

Os outros artistas, ainda que de menor reputação, são tambem dignos dos applausos, que teem recebido.

Nas recitas de moda, ás segunda-feiras, vêem-se os camarotes occupados pelas senhoras da nossa primeira sociedade.

Suas Magestades teem frequentado o Colyseu, mostrando assim o apreço em que teem a companhia.

*

## Real Colyseu

A parte do espectaculo, que era feita pela exhibição dos famosos leões, foi ha dias substituida por uma apparatosa e variada pantomima intitulada *Mazeppa.* Entram n'ella quasi todos os artistas da companhia; e, aproveitando a empreza e o director as aptidões de cada um, conseguiu fazer um espectaculo interessante, digno dos applausos do publico.

*

## Theatro do Rato

A *Feira da Ladra,* continúa despertando o maior enthusiasmo.

É bom que assim succeda, porque a empreza d'este theatro é digna da protecção e amizade do publico.

As enchentes successivas, demonstram bem o agrado que a peça tem conquistado.

Que caminhe em maré de rosas é o que lhe desejamos.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

*ESPECIALIDADES:*

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

**A SEMANA DE LISBOA** é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1